

# A arte como a reapresentação da condição humana: uma proposta intersemiótica a partir dos versos de Cecília Meireles

Amanda Moury Fernandes Bioni<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo propõe a relação intersemiótica, ou seja, o diálogo entre as diversas linguagens artísticas, considerando o poema “Canção” de Cecília Meireles e a pintura “Miranda – the tempest” de John William Waterhouse. As obras foram selecionadas tendo em vista a temática relativa à condição humana em suas nuances de resignação e de efemeridade, reapresentadas de modo particular, porém associativo tanto nos versos do poema quanto nas imagens dispostas na tela. Como fundamentação teórica, foram utilizados os estudos de Pound (2006), Paz (2012), Merquior (2013), quanto aos aspectos da linguagem poética; quanto aos aspectos das relações intersemióticas, as investigações de Cardoso (2011) foram utilizadas. Por fim, é esperada a contribuição para as reflexões em teoria da literatura, especificamente, acerca do diálogo entre as linguagens artísticas, à proporção que as práticas pedagógicas em sala de aula também possam ser incentivadas por uma proposta intersemiótica.

**Palavras-chave:** Intersemiiose. Cecília Meireles. John William Waterhouse. Literatura. Pintura.

**Resumen:** El presente artículo propone la relación intersemiótica, o sea, el diálogo entre los diversos lenguajes artísticos, teniendo en cuenta el poema “Canção”, de Cecília Meireles, y la pintura “Miranda – the tempest”, de John William Waterhouse. Las obras se seleccionaron considerando la temática relativa a la condición humana en sus matices de resignación y de efimeridad, reapresentadas de modo particular, pero asociativo tanto en los versos del poema como en las imágenes dispuestas en el lienzo. Como fundamentación teórica, se utilizaron los estudios de Pound (2006), Paz (2012), Merquior (2013) en cuanto a los aspectos del lenguaje poético; en cuanto a los aspectos de las relaciones intersemióticas, se utilizaron las investigaciones de Cardoso (2011). Por fin, se espera la contribución para las reflexiones en teoría de la literatura, específicamente, acerca del diálogo entre los lenguajes artísticos, a medida que las prácticas pedagógicas en sala de clase también puedan ser incentivadas por una propuesta intersemiótica.

**Palabras-clave:** Intersemiiose. Cecília Meireles. John William Waterhouse. Literatura. Pintura.

## 1. Introdução

<sup>1</sup> Doutoranda em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), graduada em Licenciatura Plena em Letras Português/Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) – e-mail: manda.m.f.bioni@gmail.com. Orcid Id: <https://orcid.org/0000-0002-2166-3706>.

Pensar a poética cecilianiana como uma proposta de reapresentação transtemporal relativa à condição humana constitui um empreendimento gratificante. Ademais de insigne poetisa, Cecília Meireles também foi uma admirável professora, uma jornalista cativante e uma sagaz defensora do ensino público de qualidade, sendo de sua iniciativa a abertura da primeira biblioteca infantil brasileira em 1934. Entretanto, a trajetória fascinante da escritora carioca – como as pinceladas bruscas e suaves, claras e escuras das telas existenciais da humanidade efêmera e vulnerável – não foi composta por constantes momentos de glória e de felicidade.

Ainda na tenra idade, a autora das crônicas relativas à educação experimentou a ausência das figuras materna e paterna, sendo acolhida nos braços fraternos da sua avó açoriana, a quem mais tarde dedicaria os belos versos de *Elegia* (1933-1937). Inclusive, em entrevista concedida em 1964<sup>2</sup>, a autora se reconhece como uma criança extremamente poética, também identificada em sua autobiografia poética, intitulada *Olhinhos de Gato* (1983), nas páginas da qual, podemos encontrar uma criança imaginativa a constituir, em meio aos sentimentos e às sensações de solidão e de saudade, o próprio inventário lírico, à proporção que já manifestava um olhar atento às nuances da complexa circunstancialidade humana.

E, ao perceber as conexões sinuosas existentes entre as vivências humanas, as manifestações da natureza e a inevitabilidade dos casos e dos acasos que aperfeiçoam e surpreendem a rotina dos homens, a voz poética de Cecília Meireles alcançou uma nota mística, espiritual e transcendental. É curioso notar algumas pinceladas enigmáticas na jornada dessa singular maestra das palavras, a começar pela explicação sobre a exclusão da letra duplicada de seu sobrenome e a inusitada consequência de rumo ascendente de vida, como foi detalhado serenamente na *História de uma letra* (1944), ou de seu desencontro com Fernando Pessoa, por justificativas astrológicas. Com efeito, a poetisa carioca parecia estar afinada com os fortuitos deciframentos dos mistérios contemplativos pertencentes aos casuais contextos humanos.

Por conseguinte, não é à toa que a sua poética seja permeada pela transtemporalidade, a qual, conforme o entendimento moderno de poesia, é manifestada por significações nascentes, por meio das quais é permitido ao homem ou ao artista o autorreconhecimento (MERQUIOR, 2013). Ademais de uma alternativa ao conhecimento autodirecionado, os poemas, sob o prisma das teorias contemporâneas, podem funcionar como uma via indireta de revelação das circunstâncias existenciais dos homens: “a experiência poética não é outra coisa que a revelação da condição humana” (PAZ, 1976, p. 57). Dessarte, a imagem poética condiciona vieses de predicação, de projeção e de instrução com respeito ao enfrentamento dos universos interiores, dado que

---

<sup>2</sup> V. MEIRELES, 1964, n. 630.

a linguagem erguida no tecido poético é permeada por imagens, porque o artista é criador de imagens: poeta (PAZ, 2012).

Por conseguinte, em minha dissertação de mestrado, em 2019, eu realizei alguns apontamentos relativos ao caráter especular da poesia lírica moderna; apresento, a seguir alguns destes que são relevantes para a discussão proposta nesse artigo:

(1) De acordo com a perspectiva moderna, o poeta é um artífice da linguagem, uma inteligência que poetiza. Assim, assume o processo de despersonalização, necessário à apropriação consciente do mundo por meio da palavra;

(2) Se o poeta é capaz de se apropriar do mundo, então pode fornecer significados a este. Logo, a poesia moderna é propositiva, porque instaura novos significados;

(3) O poema é um objeto de conhecimento e de reconhecimento: oferta uma imagem ao mundo e à condição do homem no mundo, visto que os sentimentos humanos constituem matéria-prima de representação poética;

(4) A palavra-imagem se constitui como uma via de conhecimento indireto, porque é plurissignificativa, de significação nascente e inconstante e, assim, enigmática, como um espelho disforme, porque inaugura ângulos imprevistos.

Sendo assim, ao compreender o poema como uma construção especular, arquitetada em linguagem plurissignificativa, a qual se ergue perante a inevitabilidade do tempo, o que garante a, anteriormente, mencionada transtemporalidade dos textos poéticos; é oportuno lançar uma proposta de diálogo intersemiótico entre um poema de Cecília Meireles e as artes plásticas, com a finalidade de perceber como os imprevistos da existência humana são representados e reapresentados esteticamente, viabilizando, dessa maneira, outras interpretações e inusitados olhares acerca da epopeia solitária do indivíduo moderno.

## **2. Sobre os sonhos que naufragam: uma das viagens propostas pelo canto de Cecília Meireles**

Sem dúvidas, Cecília Meireles foi uma dedicada viajante: de Portugal à Índia, a poetisa demonstrou ilustre simpatia e disposição à investigação filosófica e artística de diversas realidades, chegando a admitir que: “cada lugar aonde chego é uma surpresa e uma maneira diferente de ver os homens e coisas. Viajar para mim nunca foi turismo. Jamais tirei fotografia de país exótico. Viagem é alongamento de horizonte humano” (MEIRELES, 1964, n. 630). Assim, muito mais do que um deslocamento no tempo e no espaço, ou do que um mero entretenimento, viajar institui um prolongamento de perspectivas. E, qual seria um dos símbolos das oscilações, das chegadas e das partidas,

da sedução do mistério, da liberdade exaltada e do palco da manifestação de naturezas?  
O mar!

De fato, o oceano se apresenta e se representa como tema literário e como motivação poética há considerável tempo: dos gregos aos portugueses, as ondas acompanhavam aventuras e exprimiam saudade, tanto de heróis, quanto de navegadores intrépidos e, até mesmo, dos transeuntes românticos a divagar na vacilação de suas memórias e sentimentos refletidos nas ondas acompanhantes de um anoitecer ou de um alvorecer oportunos. Na poética de Cecília Meireles, tanto o mar quanto o vento que embala as ondas se fazem presentes na representação da sutil fluidez e efemeridade oriundas da composição histórica dos mortais. Assim, podemos observar a ultrapassagem de limites nas viagens da autora carioca: como poeta, Cecília Meireles navegou por águas transcendentais, desencantando o *mar absoluto*, em que as revelações das circunstâncias humanas são refletidas indiretamente, por intermédio da palavra-imagem. Além disso, os sonhos, à sua maneira, também se dispõem a projeções veladas; então, o que dizer sobre os sonhos postos em um navio?

### Canção

Pus o meu sonho num navio  
e o navio em cima do mar;  
- depois, abri o mar com as mãos,  
para o meu sonho naufragar.

Minhas mãos ainda estão molhadas  
do azul das ondas entreabertas,  
e a cor que escorre dos meus dedos  
colore as areias desertas.

O vento vem vindo de longe,  
a noite se curva de frio;  
debaixo da água vai morrendo  
meu sonho, dentro de um navio...

Chorarei quanto for preciso,  
para fazer com que o mar cresça,  
e o meu navio chegue ao fundo  
e o meu sonho desapareça.

Depois, tudo estará perfeito:  
praia lisa, águas ordenadas,

meus olhos secos como pedras  
e as minhas duas mãos quebradas.

(MEIRELES, 2013, p.23)

Em linhas gerais, a canção disposta acima representa um naufrágio. Porém, que tipo de naufrágio? E quais são as interpretações possíveis, considerando o projeto poético de Cecília Meireles?

Percebem-se, no poema, elementos caros à estética poética de Cecília: o mar, o vento, a musicalidade e – em especial – a transitoriedade das vivências humanas, arquitetados em palavra-imagem. E, por uma via indireta, nos é revelada a árdua resignação de uma existência sem sonhos. Na primeira estrofe, o eu lírico nos reapresenta a noção de naufrágio, que, tradicionalmente, trata de uma situação de vulnerabilidade dos homens perante as designações irascíveis da natureza; porém, no texto, o navio com uma carga de projeções imaginárias vai a pique, graças a etapas conscienciosas: carregar o navio, colocá-lo no mar, com a finalidade de que os sonhos se afundem. A partir de então, já podemos considerar que se trata de um naufrágio associado e – como veremos adiante – necessário às tempestades interiores.

Na segunda estrofe, é observável o protagonismo desse eu que se dispõe a submergir meticulosamente uma embarcação de aspirações, por meio da menção às mãos que estão molhadas a colorir areias desertas, como se fossem vestígios de uma atitude restauradora: a água no deserto, assim, a possibilidade de renovação, de renascimento – ainda que signifique a deserção provisória de uma realidade onírica. Na terceira estrofe, há a sugestibilidade do canto do vento, proposta pela aliteração da consoante “v”, o qual parece corroborar com o canto e os movimentos do eu lírico: agitando as ondas e, assim, inundando o navio de grandes expectativas de modo irreparável ao anoitecer.

Na quarta estrofe, mais uma vez, a voz do poema se mostra perseverante em sua decisão de afundar a embarcação de caras e, ao mesmo tempo, perturbadoras projeções existenciais; por isso, em uma hipérbole, conforma um mar de lágrimas, no interior do qual, abrigará um navio fantasmagórico de sonhos desassistidos. E, após o término do projeto de uma existência sem expectativas, tudo estaria perfeito e sereno: praias lisas e águas ordenadas, afinal de contas, para quem tem a habilidade de permitir que a vida aconteça naturalmente, para quem se adequa e aceita o fluxo espontâneo da existência, a ansiedade e a insegurança provenientes das ilusões idealistas de uma vida sonhada não surtem o menor efeito, dado que ao afogar os sonhos – ou seja, aos intuitos de interferência e de controle humanos ao que já está posto, a vida pode, simplesmente, acontecer: por isso, os olhos secos como pedras e as duas mãos quebradas, reapresentando um gesto de entrega e de liberdade, depositários de uma significativa compreensão relativa à efemeridade e a contingência das condições e das ações humanas. E isso não significa que os sonhos não devam existir, ou que é indigno aos homens o ato de sonhar – muito pelo contrário: os sonhos são tesouros que permanecem no fundo oceânico da alma; dessa forma, precisam ser redescobertos durante o percurso espontâneo da

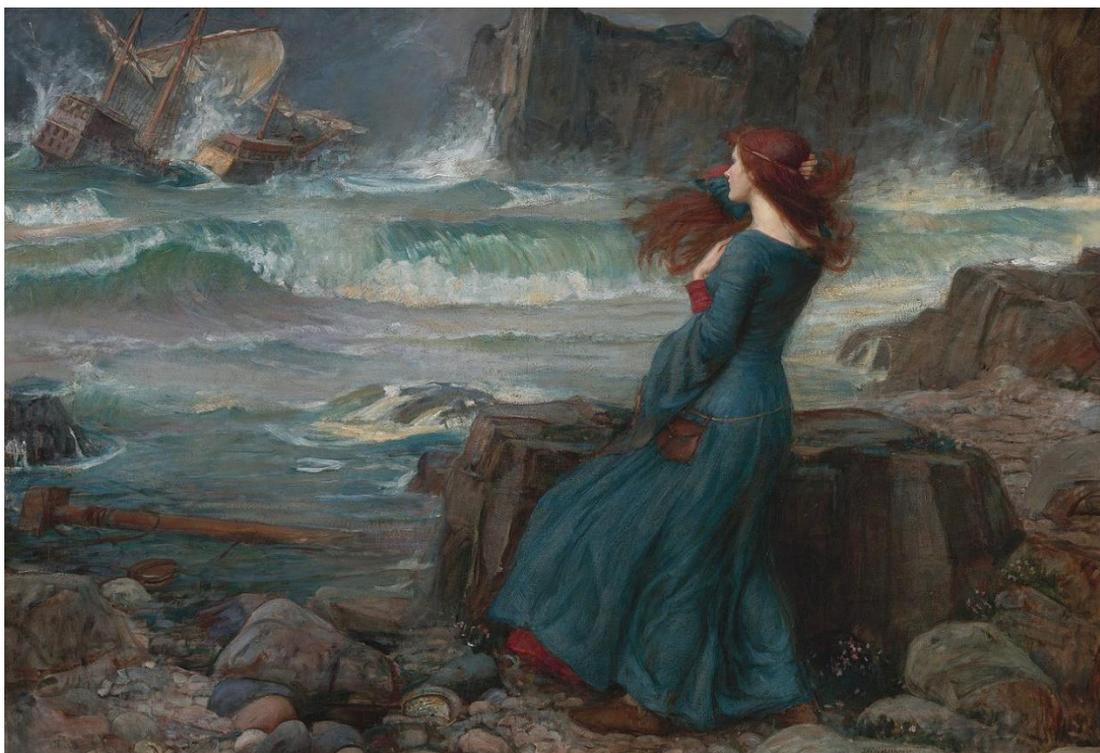
existência vivenciada, assim, os sonhos podem se realizar, restaurando a rotina da vida, por meio de eventos imprevisíveis. E, em linhas gerais, é por essas maneiras que a imagem de resignação é delineada no poema: por mais que os homens se apeguem a projetos e a expectativas, por vaidade ou por ingenuidade, a vida simplesmente escapa ao nosso controle, iniciativas e projeções e – fazendo uma contextualização oportuna – a pandemia de 2020 nos serviu para mostrar o quanto somos vulneráveis e do quanto nos foi custoso o depósito de nossos sonhos em navios.

### 3. Uma proposta intersemiótica: a literatura e as artes plásticas

Como foi afirmado anteriormente, a linguagem poética é plurissignificativa, o que preserva uma nascente de significados a cada leitura. É adequado, portanto, levar em conta as perspectivas de reconfiguração e de adaptações reclamadas à análise de textos literários, apresentados ao público contemporâneo, substancialmente, habituado à disposição continuada de imagens. Assim, uma metodologia comparativa que disponibilize o diálogo entre as artes é, significativamente, proveitosa e imprescindível não só ao alargamento da apreciação estética, mas também ao aprofundamento de leituras críticas, especialmente, realizadas em sala de aula.

No que se refere à leitura e interpretação de textos poéticos, Pound (2006) aponta que “o método adequado para o estudo da poesia e da literatura é o método dos biólogos contemporâneos, a saber, o exame cuidadoso e direto da matéria e contínua comparação de uma lâmina ou espécime com outra.” (p.23), dessa maneira, a abordagem comparativa assume uma postura conveniente; ampliando a citação, nos é permitido considerar, também, o diálogo comparativo entre as diversas linguagens artísticas e suas consequentes sugestões e rerepresentações das obras artísticas, o que nos leva ao diálogo intersemiótico, haja vista que “os textos inexistem de forma estanque. Um texto, qualquer que seja ele, dialoga com outros muitos textos, com muitas outras linguagens” (CARDOSO, 2011, p.03).

Dessarte, é viável o contraponto semiótico entre a *Canção* de Cecília Meireles e *Miranda – A tempestade* (1916) do artista britânico John William Waterhouse. A pintura está disposta abaixo:



**Figura 01:** Miranda – The tempest (1916), John William Waterhouse.

Na pintura, é representado um naufrágio que é observado pela personagem Miranda (oriunda da peça de William Shakespeare, *A Tempestade*), a qual, por sua vez, é observada pelos espectadores da tela. Apesar da opção pelas cores frias, aludindo ao temporal, as pinceladas ousadas refletem a hostilidade das ondas e a tenacidade dos ventos a devastar o navio. Entretanto, nos gestos delicados de Miranda, como o posicionamento das mãos no peito e na cabeça, ou melhor, no coração e na mente, temos a segurança de quem se conserva em terra firme. Assim, podemos reconhecer que há uma contraposição entre duas realidades: a imprevisibilidade e a solidez, o inconsciente e a racionalidade, o incontrolável alheio e o autocontrole, a ação e a observação.

Em diálogo com o poema de Cecília Meireles, é permitida a rerepresentação relativa à condição efêmera e temporal dos homens, dado que, diante dos temporais da vida, é basilar a coordenação entre razão e sensibilidade na manifestação serena e pontuais dos gestos e das atitudes – o que promove a resiliência e a resignação fundamentais ao entendimento de que, conforme a fluidez das ondas da vida, algumas embarcações com cargas preciosas são inundadas, com a finalidade de que o oceano caótico de expectativas, idealizações e projeções simbólicas possam se reordenar e nos encaminhar à realidade sólida de impermanências, porque a vida simplesmente acontece e, como disse o eu lírico de Cecília Meireles em *Reinvenção*, “a vida só é possível reinventada”. Por conseguinte, é valioso observar a provisoriedade pertencente à condição dos seres temporais, aptos às oscilações intempestivas de sentimentos e de pensamentos – e, diante das adversidades naturais da vida, defronte aos naufrágios

incontornáveis de sonhos, a conservação de uma segura contemplação de que após tempestades, há reordenações, há recomeços, há reinvenções.

#### 4. Conclusões

Por fim, após as breves discussões realizadas nesse artigo, concluo com algumas ponderações acerca das revelações propostas pela poesia lírica moderna, encontradas na minha dissertação de mestrado.

Então, o poema é protesto e resistência às lacunas da modernidade; através das palavras motivadas, o poeta moderno é um norteador, porque é visionário. Recordemos: a poesia não é prática, mas teoria e visão (BONATI, 1972, p. 132), de modo que o instrumentalizar poético é óptico, uma vez que projeta imagens ao mundo. Assim, a poesia mantém sua autonomia perante à realidade: não se trata mais de alucinações ou de um desprendimento casual da vida. O poema é um produto imaginário e, dessa forma, é uma obra autônoma por se manter em uma constante atualização. Recordemos: o poema instaura significados nascentes e é por isso que se mantém erguido perante a imperatividade do tempo.

E ainda, conforme as perspectivas modernas: “a lírica é um modo de comunicar algo em essência *indizível*. Lírica seria assim uma revelação do ser fundamentalmente diversa (e com possibilidades diversas) tanto da épica como da filosofia” (BONATI, 1972, p. 178 grifo do autor). Logo, a lírica é uma via peculiar de conhecimento por imagem, dado que as imagens por harmonizarem os contrários são mais versáteis do que a linguagem – e, além disso: a imagem explica a si mesma (PAZ, 1976). E, considerando que a revelação poética é substancialmente imagética, a condição da tarefa poética é aperfeiçoar linguisticamente as imagens habituais das circunstâncias humanas.

#### Referências

- BIONI, Amanda Moury Fernandes. **O poeta diante do espelho da palavra:** um estudo sobre a imagem nos poemas de Florbela Espanca e Cecília Meireles. 2019. 93 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura). Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.
- BONATI, Félix Martínez. **La estructura de la obra literaria:** una investigación de filosofía del lenguaje y estética. 2ª. ed. Barcelona: Seix Barral, 1972.
- CARDOSO, Joel. Cinema e Literatura: contrapontos intersemióticos. **Revista Literatura em Debate**, v. 5, n. 8, p. 1 a 15, jan.-jul., 2011.
- MEIRELES, Cecília. “Canção” In: **Antologia poética**. Coordenação editorial de André Seffrin. São Paulo: Global, 2013. p. 23.
- \_\_\_\_\_. A última entrevista de Cecília Meireles. In: LEITE, C.W. (Org.). **Revista Bula**. Disponível em: < <http://www.revistabula.com/496-a-ultima-entrevista-de-cecilia-meireles/>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

MERQUIOR, José Guilherme. “Crítica, razão e lírica”. In: **A razão do poema**: ensaios de crítica e de estética. 3ª ed. São Paulo: É Realizações, 2013. pp. 187-228.

\_\_\_\_\_. “Responsabilidade social do artista”. In: **A razão do poema**: ensaios de crítica e de estética. 3ª ed. São Paulo: É Realizações, 2013, pp. 229-240.

PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

\_\_\_\_\_. **O arco e a lira**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

POUND, Ezra. **ABC da literatura**. Tradução de Augusto de Campos; José Paulo Paes. 11ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

WATERHOUSE, John William. **Miranda – The tempest**. 1916, óleo sobre tela, 100,4 centímetro x 137,8 centímetro, private collection. Sotheby’s. Disponível em: <<https://www.dailyartmagazine.com/painting-of-the-week-john-william-waterhouse-miranda/>>. Acesso em: 10 jul 2021.